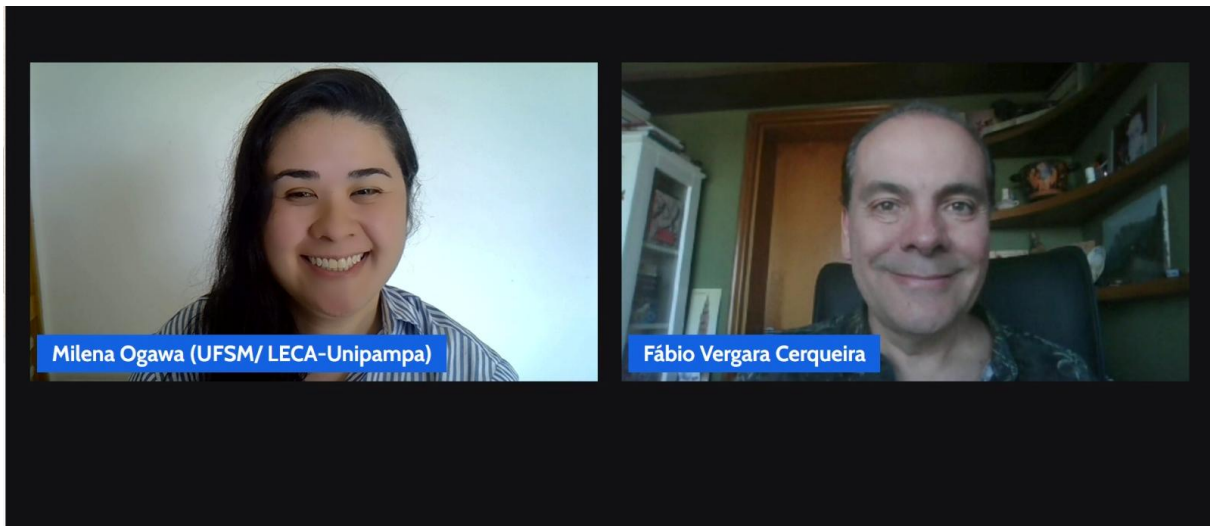
A CONSOLIDAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO EM HISTÓRIA ANTIGA - SEÇÃO RIO GRANDE DO SUL, 24 ANOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - ENTREVISTA COM O PROF. DR. FÁBIO VERGARA CERQUEIRA (UFPEL)

Fábio Vergara Cerqueira[1]

Milena Rosa Araújo Ogawa[2]



Entrevista realizada por Milena Rosa Araújo Ogawa, em 16 de dezembro de 2025. Duração: 01h e 07 minutos. Link para o vídeo da entrevista: https://youtu.be/2txb5j1JWTc

Milena Ogawa:
Boa tarde, esta entrevista, concedida à *Heródoto* no âmbito do dossiê "A consolidação do Grupo de Trabalho em História Antiga - seção Rio Grande do Sul, 24 anos de ensino, pesquisa e extensão", é conduzida por mim, Milena Ogawa, professora substituta da Universidade Federal de Santa Maria e coordenadora do Grupo de Trabalho em História Antiga (GTHA), da seção Rio Grande do Sul, entre os anos de 2024-2026.

[1] Professor Titular do Departamento de História da UFPel. Doutor em Arqueologia Clássica. Bolsista Produtividade PQ-A CNPq. Pesquisador da *Humboldt-Foundation*, modalidade *Experienced Researcher*. E-mail: fabiovergara@uol.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8864- 7762.
[2] Professora Doutora - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai, Brasil. E-mail: ogawa_milena@hotmail.com.br

Temos hoje o prazer de receber o professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira, Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), doutor em Arqueologia Clássica.
O professor Fábio esteve presente nos momentos iniciais da formação do GTHA-RS e pode nos relatar aspectos fundamentais da sua trajetória acadêmica, bem como da sua história e da consolidação do Grupo. Muito obrigada, professor Fábio, pela sua disponibilidade.

Fábio Vergara Cerqueira:
Boa tarde, Milena, obrigado pelo convite, é uma alegria estar aqui nesse espaço da Heródoto. Aproveito também para saudar o editor da Revista, Prof. Glaydson, e, na pessoa dele, parabenizar toda a equipe que se envolve com a produção da Heródoto, que a gente sabe que é uma produção complexa, visto que é a única Revista brasileira em História Antiga que é integralmente bilíngue.

Milena Ogawa:
Professor Fábio, o senhor é docente de História Antiga na UFPel desde 1991. Participou da criação do curso de Antropologia, com linha de formação em Arqueologia, e da Revista Cadernos LEPAARQ, Qualis A2. Como foi acompanhar o desenvolvimento da área na instituição ao longo dessas décadas?

Fábio Vergara Cerqueira:
Milena, olha só, eu ingressei na UFPel em 11 de novembro de 1991, muita gente aí não era nascida ainda, não é? Na verdade, a vaga para a qual eu entrei — no curso de Licenciatura em História —era para um curso noturno. Na época, eram poucos os cursos noturnos, concebidos no âmbito de uma política destinada ao trabalhador.
A minha vaga de concurso era de Pré-História e História Antiga – neste caso, mais particularmente, História Antiga Ocidental e Oriental. Em Oriental entrava Egito, Mesopotâmia e outros povos, e em Antiguidade Ocidental, Grécia, Roma e também outros povos. Bem, por quase 20 anos, até mais ou menos 2010, eu fui responsável, na graduação da História, pela disciplina de Pré-História. Só depois, com a criação do curso de Arqueologia, entraram outros professores arqueólogos pré-historiadores, que vieram a assumir essa disciplina. Inclusive, cheguei a ministrá-la no curso de Arqueologia, quando recém criado.
Então, desde o meu ingresso, tive um entendimento sobre minha missão institucional. Aqui vou abrir um parêntese: eu tenho a impressão que, quando a gente entrava para uma carreira docente nos anos 80 e 90, a gente se perguntava qual era a missão institucional nossa para promover o desenvolvimento da instituição. Hoje, a impressão que eu tenho é muito que o pessoal que entra está pensando em como usar a universidade para promover

a sua carreira individual. Então, foi uma coisa da minha época colocar-se a pergunta: qual era a minha missão institucional? E eu entendi, então, que era contribuir para estruturar, no curso de História da UFPel, a área de Antiguidade e a área de Pré-História, com tudo que se relaciona a elas em termos de ensino, de extensão e de pesquisa.

Deste modo, ainda nos anos 1990, eu dei início à *Jornada de História Antiga da UFPel*, que hoje já tem 33 anos desde a primeira edição, que foi em 1992, somando aí 24 realizações. A última foi no verão agora, em fevereiro.

Do mesmo modo, lá naquela época, eu cadastrei meus primeiros projetos de pesquisa na instituição. E o meu primeiro projeto de pesquisa, nos Estudos Antigos, tinha como fonte Heródoto — olha a coincidência aí, o nome da revista da UNIFESP que está vinculando essa nossa entrevista. Nessa pesquisa, eu abordava um pouco a questão de elementos "racionais" e "irracionais" — estavam usando esses termos na época — dentro da argumentação do Heródoto. Bem, inclusive, a minha primeira bolsa de Iniciação Científica foi destinada a esse projeto.

Então, preocupado com envolver os estudantes com a área, já nos primeiros anos eu empenhei sempre muitos esforços para que a disciplina dispusesse do apoio de monitores ou monitoras. Daí eu tive as duas primeiras monitoras, que foram a Carla Gastaud, hoje professora do curso de Museologia, na UFPel, e a Profa. Neuza Janke, que tem uma carreira no Ensino Básico fantástica e hoje atua como professora em nosso Curso de Licenciatura a Distância. A Carla foi monitora e bolsista de Iniciação Científica, e a Neuza foi a minha monitora.

Então, pula um tempo, gente. Passa-se uma década. Em 2001, concluo meu doutorado. Volto para a sala de aula e, gente, notei uma mudança de perfil no alunado. Muitos estudantes chegavam no curso de História muito a fim de História Antiga, e a razão escapava um pouco a quem estava dentro da academia. Tinha a ver com uma coisa que estava ficando muito forte, que era o universo dos *games*, algo que já estava forte há muito tempo, os HQs, *cartoons* e também séries. Séries voltadas para crianças e adolescentes, *Cavaleiros do Zodíaco*, por exemplo.

Então, essa era uma realidade nova. Pelo menos nos alunos que eu encontrei em 91, eu não percebia isso. Os alunos que eu encontrei em 2001, eu percebi essa realidade nova, que perdura, passadas duas décadas e meia, até o momento. E isso fez ampliar significativamente o número de alunos interessados pela História Antiga quando chegavam no curso.

O que resultou, então, ao longo de mais de trinta anos da minha atuação na universidade, no interesse de estudantes em manterem vivas as *Jornadas de História Antiga*, porque eles se orgulhavam, eles queriam fazer essa Jornada acontecer, eles queriam ter essa assinatura na Jornada, se apropriarem da Jornada. E assim o fizeram ao longo dos anos.

Junto com isso, eu notei uma crescente vontade de estudantes por produzirem trabalhos de conclusão de curso ligados à Antiguidade. Uma parte, então, dos TCCs da primeira década deste século tinham como tema Cristo histórico, Cristianismo e Judaísmo – temas assim estavam interessando muito. Neste período, houve forte interesse pela História da religião – não sei por quê, não parei para me perguntar.

E aí, nesse contexto, nós acabamos publicando este livrinho — eu não sei se vocês conseguem visualizar [livro mostrado em tela durante entrevista] — que se intitula *Religião e Poder do Mundo Antigo ao Moderno: Ensaios Acadêmicos*[3]. Foi publicado pela nossa Editora da UFPel, no ano de 2008, e foi um trabalho conjunto com a colega Monica Selvatici, que hoje se encontra na Universidade Estadual de Londrina. Naquele período, por uns quatro anos, ela ficou aqui na UFPel. Nós trabalhamos juntos por um bom período e, certamente, a passagem da Monica por Pelotas ajudou a impulsionar esses trabalhos ligados ao tema da religião, em Antiga e Medieval, pois ela assumiu também as disciplinas de Idade Média.

Esse livro conta com uma apresentação mais especial, digamos, da querida Neyde Theml. É da geração dos Titãs — quem são os Titãs? Ciro Flamarion Cardoso, Emanuel Bouzon, Neyde Theml, daqui, Loiva Felix, Margareth Bakos... e a grande Titã, Haiganuch Sarian, que segue firme conduzindo o barco. Então, temos uma das integrantes da geração dos Titãs da História Antiga, a Profa. Neyde Theml, fazendo a apresentação da obra. Deixo aqui disponibilizado para vocês a lista dos textos, mas, de qualquer modo, o livro está disponibilizado on-line. Só para dar uma ideia para vocês, eu vou pedir licença só para comentar. A coletânea divide-se em três seções.

A primeira intitula-se *Trajetórias do monoteísmo no Oriente Próximo*. Aqui, conta com quatro contribuições. A primeira é do Sérgio Fracalanza Muzy, que foi meu orientado, e fez uma pesquisa chamada *A criação das bases do monoteísmo pelo faraó Akhenaton*. Aí temos uma pesquisa sobre Judaísmo do Giovani Rodrigues de Moura – *Messianismos judaicos: uma leitura a partir do Livro de Daniel.* Então, ele foi parte orientado por mim, a finalização com a Monica, e nós mantivemos uma coorientação. Depois, da Caterine Henrique Mendes, minha orientada, *A multiplicidade de judaísmos e a formação do paleocristianismo.* Mais tarde, inclusive, ela fez um mestrado em Jesus histórico no *Programa de Memória e Patrimônio*. E, finalmente, o Luis Artur Janes Silva, orientado pela Monica, que escreveu o seguinte TCC: *A gnose, origens e pontos de divergência com a ortodoxia cristã nos primeiros séculos da Era Comum.*

---

[3] Disponível em: https://www.academia.edu/101515739/RELIGI%C3%83O_E_PODER_DO_MUNDO_ANTIGO_AO_MODERNO_ENSAIOS_ACAD%C3%8AMICOS. Acesso em: 14/12/2025

A segunda seção, aí vem para o mundo greco-romano, *Religião e poder no mundo greco-romano*. Começa com o texto da Kátia Amorim Macedo, minha orientada, que se intitula: *Os gregos e a morte: instituições funerárias e práticas sociais na pólis ateniense.* É seguida pelo Marco Antonio Correa Collares, hoje professor do IFSul de Jaguarão, e que mais tarde veio fazer um mestrado em História Antiga na UNESP, com a Profa. Margarida de Carvalho, e com seu doutoramento, aí rumando para o tema da recepção, aprofundou-se com pesquisa em HQ, sobre Conan. Hoje é um pesquisador de referência nessa área. Finalmente, o texto da Edalaura Berny Medeiros, que fez, então, sob orientação da Monica, seu TCC de Bacharelado. Ela já tinha feito Bacharelado na FURG e fez Licenciatura conosco. Seu trabalho intitula-se *Constantino e os cristãos: a ascensão do Cristianismo como religião oficial do Império romano e o desenvolvimento da intolerância.* Começou a trabalhar o século IV e depois foi minha orientanda, seguindo com o mesmo século, com o mestrado em História sobre Eusébio de Cesareia.
A terceira seção: *Religião e poder no Extremo Oriente*. Aqui, dois trabalhos: um mais na transição de Antiga para Medieval e um no início da Era Moderna. Sob minha orientação, o trabalho do Daniel da Silva Añaña, sobre China —*A religião chinesa vista através do romance Jornada no Ocidente.* E o trabalho do Rodrigo Cardozo, sob orientação da Monica —*O fim do "Século Cristão": a repressão religiosa no Japão do século XVII segundo o padre Antonio Francisco Cardim.*
Esse é um marco de uma década em que foram produzidos TCC's com forte direcionamento para a questão da religião do Mundo Antigo. E esse livro tem uma demanda muito boa. Serve muito bem de apoio para quem quer trabalhar com esse tema em sala de aula. Por exemplo, um texto muito demandado é o do Sérgio Fracalanza Muzy sobre a religião no Akhenaton.
Pois bem, então, seguindo aqui nossa conversa eu diria assim — e tem que ficar ressaltado aqui com clareza: não resta dúvida que a atuação da historiadora Monica Selvatici contribuiu muito para que a área de História Antiga tenha se tornado, nesta primeira década dos anos 2000, um celeiro de pesquisas sobre a História da religião.

Milena Ogawa:
Professor, é um trabalho de muito fôlego. E eu gostaria de saber do senhor quando que o foco na Cultura Material se tornou uma ênfase nas pesquisas de História Antiga desenvolvidas junto aos estudantes da UFPel?

Fábio Vergara Cerqueira:
Milena, é a virada de década; aí a gente entra na segunda década do século, os anos 2010. Eles foram marcados por muitas pesquisas com foco na cultura material, na iconografia, na interdisciplinaridade entre História e Arqueologia, e isto mesmo quando a cultura material não era o tema central das pesquisas. A gente se viu cumprindo nosso papel em estar formando historiadores com o

olho aberto para a cultura material, algo que nem sempre se observa em historiadores brasileiros de outras temporalidades, de outras espacialidades, que têm menos interesse, menos atenção, menos preocupação em incorporar a dimensão material nas suas narrativas, nas suas explicações.

Temos de considerar três aspectos novos que contribuíram para essa guinada. Primeiro, a criação do PPG em História, iniciado em 2009, que gerou oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas de mestrado, nos primeiros anos, e, mais tarde, inclusive, de doutorado, abordando História Antiga.

Bem, segunda questão que eu queria salientar é o surgimento do *Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga*, que se dá no ano de 2012. O nosso LECA nasce da proposta de duas parceiras de pesquisa, as arqueólogas Carolina Kesser Barcellos Dias e Camila Diogo de Souza. Um pouquinho depois, ainda no transcurso de 2012, a Carolina — carinhosamente, nossa Carol — ingressa como pós-doutoranda no PPG em História da UFPel, dentro de um convênio Capes-FAPERGS de fixação de doutores. Ela mantém, a partir daí, uma atividade muito forte de orientação, por praticamente uma década, quer na graduação, quer na pós-graduação.

Já a terceira questão tem a ver com minha trajetória de pesquisador: a partir de 2013 inicio meu vínculo como Bolsista Produtividade CNPq, com um projeto ligado ao estudo da iconografia da música na cerâmica ápula. Comecei a estudar assim uma cerâmica de tradição grega, de figuras vermelhas, produzida no sul da Itália, inicialmente em cidades coloniais gregas (Metaponto e Tarento) e a seguir em núcleos urbanos não gregos existentes aí no sul da Itália (Canosa, Ruvo, entre outros). Enfim, minha pesquisa passou a focar na região genericamente chamada de Magna Grécia.

Então, no ano seguinte, em 2014, como sequência disso, eu me torno pesquisador da *Fundação Humboldt*, fundação alemã sediada em Bonn e com foco na internacionalização da ciência alemã, na categoria de *Experienced Researcher*, pesquisador experiente — em alemão, *erfahrener Wissenschaftler*. E aí vou atuar como pesquisador visitante no Instituto de Arqueologia Clássica da Universidade de Heidelberg, que disputa com a Universidade de Tübingen a maternidade|paternidade da área da Arqueologia Clássica em meados do sécuo XIX.

Então, o avançar desta pesquisa, que tinha essas duas bases de suporte, nacional — CNPq — e internacional — *Fundação Humboldt* —, vai se desdobrar aqui na UFPel em orientações de Iniciação Científica e trabalhos de TCC, tendo como objeto a iconografia dos instrumentos musicais na pintura dos vasos ápulos ou, do modo mais amplo, dos vasos italiotas, trazendo aí como consequência também a elaboração de catálogos temáticos iconográficos, metodologicamente controlados e sistemáticos, para codificação do conhecimento destes instrumentos com base imagética.

Os resultados, então, contribuem para o avanço dos estudos sobre essa temática, não só localmente, mas em escala internacional, visto que essas catalogações ainda não existem. Então, falo aqui dos trabalhos da Andreia da Rocha Lopes, sobre a harpa, do Eduardo Christmann, sobre um instrumento que nós chamamos de sistro retangular ápulo (que não tem nada diretamente a ver com o sistro egípcio de Ísis), e com o João Pedro Vitoriano Fabri, que fez, então, seu TCC do Bacharelado sobre o *aulos* na iconografia ápula e segue agora, no seu TCC de Licenciatura, na pesquisa com a catalogação para outras produções de cerâmica do sul da Itália com a representação do *aulos*.
Voltando à importância da atuação da Carolina Kesser. Ela permaneceu por mais de uma década na UFPel, e isso somou esforços que resultou em um expressivo aumento do número de pesquisas sobre História Antiga desenvolvidas por estudantes no curso de História. Foram muitos TCCs, dissertações e até tese de doutorado sobre Antiguidade defendidos sob sua orientação, em que se notou sempre forte interesse e cuidado metodológico com a cultura material.
Ao mesmo tempo, é importante lembrar— eu não trago com precisão os anos, mas entre 2011 e 2015 — a gente teve a atuação em Pelotas do colega Deivid Valério Gaia, hoje professor na UFRJ e que iniciou sua carreira docente na UNIPAMPA, onde é o formador da primeira graduação da Milena. Acho importante lembrar, porque ele dinamizou muito a área de História Antiga e cobriu também um período em que eu estava afastado para pós-doutoramento na Alemanha. Dava curso paralelo de Latim para os estudantes, trazendo para a área uma turma grande, aumentando ainda mais os interesses pela História Antiga.

Milena Ogawa:
Muito obrigada, professor. Como o senhor é um pesquisador de Música Antiga e de Cerâmica Grega, como o senhor chegou aos estudos de Recepção da Antiguidade?

Fábio Vergara Cerqueira:
Isso dá um prazer muito grande, sabe… Eu noto que, há alguns anos, poucas pessoas trabalhavam com Recepção e havia até certo preconceito. Afirmava-se, por exemplo, que a escolha pela Recepção era a alternativa para pessoas sem condições de dominar toda a excelência que é necessária para o estudo de História Antiga, porque de fato implica um nível maior de dificuldade que outras áreas, tal como o estudo de línguas antigas como Latim e Grego e o necessário domínio sobre línguas modernas, não bastando o Inglês. Não pode ter medo de Francês, de Italiano e, se puderem encarar o Alemão, melhor ainda. Então, isso pode assustar. Então a pessoa trabalha com Recepção para ficar longe do trabalho *hard*. Mas não. O pessoal começou a entender o porquê do

trabalho com Recepção e, então, hoje eu vejo como essa área cresceu no Brasil. Isso promove uma aproximação da sociedade.

Então, no meu caso, eu atuo desde o início dos anos 2000 na área do patrimônio cultural e, por esse motivo, eu acabei me defrontando com frequência com a presença do Antigo em nossos monumentos, começando pelo arruamento, que é um arruamento hipodâmico. Se alguém circula por Pelotas, a gente vai para as fachadas dos prédios; na questão da linguagem arquitetônica, sem entrar na imagética, a gente tem colunas dóricas, colunas jônicas e uma série de elementos, como pórticos, que nos reportam à arquitetura do mundo antigo.

Só que, indo além, os monumentos e a arquitetura do século XIX e XX são portadores de repertório imagético expressivo que nos conecta com a Antiguidade, como é o caso das esculturas nas praças. Ao mesmo tempo, fui percebendo menções frequentes no século XIX e início do século XX, de nomes oriundos da Antiguidade que eram dados aqui e ali a instituições, agremiações sociais e culturais, como a Sociedade Terpsichore, a Sociedade Melpomene, Thalia. É impressionante a quantidade de sociedades Thalia que tem. Neste caso, referências às Musas. Mas havia o Cine-teatro Apolo e por aí vai. Cine Orfeu, no caso em Porto Alegre, não em Pelotas.

Com o tempo, isso foi fazendo crescer em mim uma coisa que, de curiosidade, foi se transformando em tema de pesquisa. Comecei, despretensiosamente, a encarar os estudos da Recepção da Antiguidade como uma forma de colocar em diálogo o Mundo Antigo e o Mundo Moderno. Veio a se desdobrar em projetos de pesquisa relativos, por exemplo, à presença dos instrumentos musicais greco-romanos na iconografia das cidades e, em especial, das necrópoles. Especial para mim, porque virou uma linha de pesquisa a que tenho me dedicado.

Ao mesmo tempo, esta guinada para a Recepção repercute no ensino e na extensão, não se restringindo à pesquisa. De um lado, foram aparecendo propostas de TCC, dissertações e teses, contemplando a presença da Antiguidade em questões modernas e contemporâneas, inclusive em conflitos, como o caso do trabalho do Diego Rabelo, inicialmente mestrado e agora doutorado em andamento, sobre a questão do *Daesh* (o autoproclamado Estado Islâmico) e a destruição, por exemplo, do patrimônio arqueológico de Palmira, na Síria. Partindo da pesquisa do Diego, a gente fala do *iconoclash* do patrimônio arqueológico oriental.

Mas também nos monumentos urbanos, como, por exemplo, a pesquisa da Isabel Torino, sobre o Mercúrio na estatuária urbana. Indo para as liras e cítaras greco-romanas presentes nas cidades brasileiras, acabaram interessando no trabalho de mestrado que está em curso no momento, da Carolina Armesto. Teve até mesmo a Egiptomania em Pelotas e região, para falar de um TCC do início dos anos 2000, do Welcsoner Silva da Cunha, coorientado pela Margareth Bakos.

No que tange à extensão, um exemplo é um projeto que foi pensado nos anos 2010 e tem assinatura principalmente da Carolina Kesser, com a colaboração de várias pessoas que participaram e participam do LECA, uma delas a própria Milena, que é o *Pipoca Clássica*, que já tem aí mais de dez anos de atividade. Nós, esse ano, reeditamos o projeto: trabalhamos *Alexandre* e o filme *Ágora-Alexandria*, sobre Hipátia.
Então, o *Pipoca Clássica* acaba proporcionando a apresentação de dezenas de filmes, séries e documentários ao longo desse tempo, que ou é tema central ou toca na questão do Mundo Antigo de algum modo, mais direto ou mais indireto, e isso gerou muitos debates. A Carol, junto com uma equipe, inclusive realizou algumas edições da *Pipoquinha Clássica*, fazendo esse link com a questão das escolas.
Então, o estudo de Recepção é muito importante para o patrimônio cultural, porque ele ajuda a entender a presença do antigo no nosso patrimônio, a entender o lugar dele na nossa memória, na nossa identidade. Além disso, estudar Recepção tem um potencial muito grande para a extensão universitária, proporcionando uma aproximação com a comunidade. O projeto *Rio Antigo*, do Deivid Gaia e da Regina Bustamante, promovido pelo LHIA/UFRJ, é um exemplo de algo maravilhoso que está sendo feito lá no Rio, como projeto de extensão, focado na recepção da Antiguidade no patrimônio carioca.

Milena Ogawa:
Muito obrigada, professor. A respeito desses trabalhos, o senhor conseguiria traçar um panorama geral dos resultados da formação em História antiga na UFPel, em termos de Trabalhos de Conclusão?

Fábio Vergara Cerqueira:
Milena, então, para dar uma dimensão do impacto da área de História Antiga na formação dos estudantes, eu vou disponibilizar para vocês uma sistematização de dados que eu fiz, com a lista dos trabalhos produzidos por estudantes desde que eu entrei na UFPel, sob a forma de TCC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, incluindo trabalhos em andamento.
Essas pesquisas tratam de Antiguidade propriamente dita ou têm a recepção como foco. Além de mim, as orientações concluídas envolvem a Profa. Carol e a Profa. Monica, que eu já mencionei aqui anteriormente.
E aí eu cheguei a um número redondo de 50 trabalhos de conclusão. Não vou aqui ler nomes e títulos, e se eu lembrar um ou outro, eu vou correr o risco de ser injusto. Então, eu vou disponibilizar para vocês essa lista que eu organizei. Pode ser que tenha alguma atualização a ser feita, então ela vai ficar disponível no site da publicação da entrevista, na revista.
Então é isso: desde o ingresso, no início dos anos 1990, 50 trabalhos. Acho que é uma contribuição importante que a gente traz para a área. E ali, nessa lista, vocês

vão perceber que, na década de 1990, há apenas dois trabalhos. Isso se deve a dois motivos: em 1995 eu saí para o doutorado e voltei em 2001, então, durante boa parte desse período, eu não estava atuando; e também porque era meu início de carreira, eu estava aprendendo o ofício, entrei muito novo, com 24 anos.
E aí são dois trabalhos de que eu me lembro com muito carinho, que são minhas primeiras orientações: o da Rita Furtado e o da Carla Rodrigues Gastaud — que é o meu primeiro TCC concluído! — e que hoje é minha colega, no curso de Museologia da UFPel.
E, olha só, vale ressaltar que as duas primeiras orientações tinham como tema não a música ainda, mas a historiografia, abordando um pouco de Tucídides, mas principalmente — de novo, a mesma coincidência — Heródoto, que é o nome da revista em que a gente está divulgando esta nossa conversa.

Milena Ogawa:
Muito obrigada, professor. O senhor esteve presente logo nas primeiras articulações do GTHA-RS. O senhor poderia nos contar como se deu a escolha da primeira coordenadora, a nossa querida professora Margareth Bakos, e quais foram os principais desafios e movimentos iniciais do grupo?

Fábio Vergara Cerqueira:
Então, cada um pode trazer isso de um jeito um pouco diferente, o que varia bastante de acordo com as recordações e com a forma como se deu o envolvimento de cada um. A movimentação para criar o GT de Antiga em termos nacionais e local fluiu inicialmente em um período em que eu estava afastado para o doutoramento e, mais especificamente, nos dois anos em que eu estava na finalização da minha tese, muito focado nisso. Então, eu participei, mas alguns tiveram uma participação mais efetiva nesses espaços iniciais, no nosso GT de História Antiga, que se dá quase *pari passu* com a criação do GT nacional.
Uma curiosidade tecnológica ou geracional. Conforme a minha recordação, foi a primeira articulação que fizemos que não foi por telefone ou por encontros ao vivo — e isso é interessante, eu faço questão de ressaltar. As pessoas hoje nem percebem isso. A gente não mandou nenhuma carta (o que se fazia até então). E por que eu estou dizendo isso? Porque, no nosso primeiro S*impósio de História Antiga*, na década de 1980, a comunicação com os palestrantes era toda por carta, correio mesmo. Ah... aquela ansiedade… nem telefone era uma opção. Telefonar para Buenos Aires, para a Alemanha, para Portugal? Na década de 1980, não! Não tinha como: era caríssimo. Então, era tudo por carta, e assim fizemos nossos primeiros encontros, nossas primeiras atividades.
Já o GT nasce na virada dos anos 1990 para os anos 2000 sob a égide de um novo recurso de comunicação, que é o e-mail. Eu não estou dizendo que o e-mail

surge nesse momento — ele já tinha uns dez anos —, mas tenha certeza de que a turma das *hard sciences* se debruçaram bem antes do que o pessoal das *soft sciences*, principalmente eu, que sou um pouco mais letárgico para chegar nas inovações tecnológicas. Então, a gente aprendeu a fazer trocas de e-mail, e descobrimos que aquela coisa de colocar outras pessoas juntas na conversa… olha que legal, dava para conversar! A gente estava aprendendo a fazer isso. Uma coisa óbvia hoje e já partimos para outros recursos, mas, para a maioria de nós, na virada do milênio, isso era algo novo, mesmo que, para os mais antenados da tecnologia da informação, já fosse algo batido desde o fim dos anos 80.

A articulação nasce do uso do e-mail como ferramenta de organização da comunicação. Acho importante destacar isso. É claro que nos telefonávamos, porque a gente estava no Rio Grande do Sul, principalmente quando a gente estava em Porto Alegre, para sair mais barato do que a ligação partindo de Pelotas. A gente se telefonava, ia amarrando o que estava sendo feito, e eram aquelas conversas longas aqui [mostra a mão fazendo o gesto do telefone no ouvido]. Entendeu?

Nesta época, para esse tipo de conversa, usávamos ainda principalmente o telefone fixo. Celular parecia que não era para esse tipo de assunto; era mais para a vida prática. A evolução das nossas conversas avançou, meio que ao natural, para a escolha da Margareth Bakos para a coordenação, visto que, nessa época, ela vinha se destacando na PUC, com a organização das *Jornadas do Oriente Antigo*, que se iniciaram pela metade dos anos 1990 e que rapidamente haviam se tornado um evento de interesse, no mínimo, nacional.

Isso ocorre também em um momento em que tivemos um pouco menos de edições dos *Simpósios de História Antiga* da UFRGS, que lá na segunda metade dos anos 1980 haviam surgido como o primeiro evento específico de História Antiga organizado em âmbito nacional, e que, mesmo sendo uma iniciativa local, rapidamente tornaram-se de impacto nacional. Era um evento com convidados, palestrantes e inscrição de trabalhos.

A Margareth também havia sido a responsável pela organização das últimas edições do *Simpósio de História Antiga* da UFRGS, até sua aposentadoria nesta universidade. Ela havia assumido esta incumbência após a aposentadoria da Loiva Félix.

Então, havia também uma questão hierárquica. Apesar de a Margareth ser amicíssima nossa, ela era nossa professora. Eu nunca tive aula com ela, porque eu já havia feito Oriental quando ela entrou. Eu fiz com o Sohni (Carlos Germano Sohni), que foi nosso professor na época. Mas era relação de hierarquia. Eu, a Kátia, o Anderson, o Chico Marshall e, em certo momento, o Grijó — que depois migrou para a História política — éramos estudantes de História na UFRGS quando a Margareth era professora.

Então, tínhamos, para além da amizade, do carinho e do reconhecimento, a deferência carinhosa de ex-alunos, e foi assim que a escolhemos.
A ocasião de nossa primeira reunião presencial se deu no *IX Simpósio de História Antiga* da UFRGS, se a minha memória não está falhando, que foi realizado entre 2 e 6 de setembro de 2002, em Porto Alegre. Nessa ocasião, ocorreu, na capital gaúcha, junto com o *IX Simpósio de História Antiga*, o *III Encontro do GTHA* nacional, cujo funcionamento havia se consolidado no congresso da ANPUH, realizado na UFF, em Niterói, no ano anterior.
A proposta de criação do GT foi apresentada em Florianópolis, em 1999, e se consolidou no encontro de 2001, em Niterói. O encontro seguinte se dá em Porto Alegre, no miniauditório da Reitoria, na forma que ele tinha naquela época — depois ele andou passando por reformas.
Percebam que o GTHA-RS foi criado *pari passu* com o GTHA nacional, mostrando como a sua criação foi em sintonia com uma política de área pensada pelos antiquistas espalhados por todo país. Eram menos espalhados que hoje, mas já não estávamos mais limitados ao eixo Rio-São Paulo, como antes. Inicialmente estávamos mais concentrados no Sudeste e Sul, e aí reunidos a gente começa a pensar uma política de área em termos nacionais.
Foi então neste miniauditório da UFRGS, ocupando apenas algumas poucas fileiras — duas ou três —, que nos sentamos quase formando um círculo. Éramos cinco, seis, sete pessoas, e ali conversamos e consolidamos a existência do nosso GT. Nesse momento, inclusive, escolhemos a coordenação seguinte, que seria a segunda gestão, a ser conduzida por Anderson Vargas.
Nossa ideia era desenvolver estratégias de articulação da área em nível estadual, o que foi transcorrendo com a promoção de alguns eventos, havendo um revezamento entre as universidades em que estavam lotados os professores – basicamente, naquela época, a UFRGS (Anderson e Marshall), a PUCRS (Margaret), a ULBRA (onde a Kátia Pozzer atuava naquele momento), a UFPel (eu) e a FURG (Jussemar). Hoje, a professora Kátia é professora da UFRGS.

Milena Ogawa:
Professor, tendo acompanhado todas essas gerações de pesquisadores, como o senhor avalia a trajetória e o cenário atual dos estudos de História Antiga no Rio Grande do Sul?

Fábio Vergara Cerqueira:
Então, Milena, são 25 anos do GTHA-RS. Mas são 35 ou 40 anos de atuação de uma geração — na qual eu me alinho — que, pouco a pouco, se aproxima da aposentadoria. Já temos os primeiros se aposentando, alguns partindo (não faz muito, nos deixou o querido Cláudio Elmir, que por muitos anos lecionou História Antiga na Unisinos, em São Leopoldo).

Ao longo destes anos, trabalhamos, aqui no Rio Grande do Sul, de modo orquestrado com os colegas espalhados pelo país, pensando estratégias em prol do desenvolvimento da área. Nas reuniões bienais do GTHA, a gente combinava ações. Eu me lembro de uma reunião do GTHA nacional, realizada no miniauditório da UFRGS, em que uma das coisas que colocamos ali foi o primeiro passo de internacionalização, sobretudo em termos de América Latina — principalmente América do Sul: Uruguai, Chile e Argentina. Nosso pessoal começou a focar nisso, e daí resultaram parcerias e amizades que temos até hoje. Esse foi o foco naquele momento.

O passo seguinte, para uma internacionalização maior, viria depois. E isso foi pensado como estratégia de área: "vamos atrás", "vamos nos inscrever nos eventos da Argentina". A gente achava que ainda era um passo muito grande mirar diretamente a Europa ou os Estados Unidos.

Então, veja bem: no estado como um todo, conseguimos ampliar o conjunto de universidades — públicas e privadas — que contam com professores responsáveis por ministrar as disciplinas de História Antiga na graduação que sejam especialistas na área. Essa era uma das nossas estratégias nacionais: usar a influência nos estados para convencer as universidades e, também, as relações nas instituições privadas, no sentido de ocupar essas vagas com pessoas da área de História Antiga.

A própria visibilidade que fomos dando à área no estado acabou alertando colegas de outras áreas e seus departamentos: "opa, é possível". Não havia mais a desculpa de destinar a área de Antiga a um pesquisador de outra especialidade, porque já havia especialistas se formando — algo que antes não existia.

Das universidades públicas, apenas a UFSM não tem, neste momento, um professor com formação em Antiga atuando nas disciplinas de Antiga. Mas isso é uma situação transitória, dada a redistribuição recente da colega Semíramis Corsi, que fez um trabalho fenomenal em Santa Maria e foi redistribuída recentemente para Uberlândia, para se aproximar de suas raízes mineiras.

Eu sou otimista de que essa situação em breve será resolvida com a ocupação de uma vaga definitiva por um/a antiquista – historiador/a ou arqueólogo/a – formando novas gerações com o dinamismo que foi uma grande marca da Semíramis — e que segue sendo lá em Minas.

Já nas particulares, a realidade é outra. Acredito, inclusive, que tenha havido um certo recuo. No momento, apenas a PUCRS conta com um professor com formação na área atuando na docência em História Antiga, que é o Luís Carlos Passos Martins, da nossa mesma geração. Ele esteve um pouco afastado — foi para a área de Brasil, transitou por outras áreas — e depois retornou à História Antiga. Ele fazia parte do núcleo da professora Loiva Otero Félix, que, ao longo de diferentes turmas, contribuiu de forma decisiva para a formação na área,

especialmente por meio de grupos de estudo (na segunda metade dos anos 1980), algo que não existia em outras áreas naquele momento.
Muitos professores que hoje atuam nas Universidades Federais aqui do Rio Grande do Sul, não apenas em História Antiga, mas também em outras áreas, passaram pelo grupo da Loiva, mesmo estando hoje vinculados à área de Brasil ou a outras especialidades. Há, inclusive, pessoas que chegaram a ocupar a presidência nacional da ANPUH.
Já olhar para a Unisinos nos gera… não nos dá muito prazer de falar; traz tristeza. Foi um curso de graduação de excelência na área de História e contava com um professor de primeira, o Cláudio Elmir Pereira, nosso colega do *corpus loivarum*.
Infelizmente, ocorreram duas coisas: uma ruim e outra péssima. A péssima foi o falecimento precoce do meu querido amigo e colega Cláudio Elmir, uma pessoa pela qual não há quem não nutra carinho pela memória dessa pessoa excepcional que foi.
A coisa ruim, triste, é a Unisinos, a célebre universidade jesuíta gaúcha, em sua reestruturação — não vou analisar os motivos, pois isso deve ser discutido com a própria instituição —, decidiu encerrar o curso de graduação em História, chocando a toda a comunidade acadêmica nacional, dada sua excelência. Por isso digo que houve, nesse sentido, um recuo.
Mas vamos olhar, de novo, de um lado positivo. Nos últimos anos, somando UFRGS, UFSM, PUCRS, UFPel, FURG e UNIPAMPA, houve um *boom* na História antiga. Se bem que, como vou mencionar aqui mestrado e doutorado, a UNIPAMPA não é o caso, pois forma apenas na graduação. Olhando a dissertações e teses, de mestrado e doutorado, esse *boom* de cinco universidades contribuiu para um número expressivo de pesquisas em TCC, mestrado e doutorado. No caso da UNIPAMPA, TCCs.
Boa parte desse pessoal ruma para a rede de ensino, ou atua em outros setores. Tem outras pessoas aí que têm o sustento profissional já estabelecido antes de concluir um mestrado e doutorado e seguem atuando onde atuavam, mas seguem pesquisando em Antiga, como é o caso da Thirzá, por exemplo, que fez uma pesquisa maravilhosa sobre iconografia vascular ática, e tem uma outra atuação profissional: é advogada e segue aí o seu ramo.
Alguns vão para os IFs, setor em expansão, onde tem mais vagas do que as federais, e tem gente que não percebe isso. Gente, o IF oferece uma carreira docente muito bem estruturada — vou contar uma fofoquinha: o salário é melhor que o das federais, a maioria não sabe disso —, e o IF tem uma determinada organização que faculta, sim, ao professor ter vida acadêmica, afastamento, possibilidade de participar de eventos. Tudo o que caracteriza a vida acadêmica pode ser feito e formalizado dentro dos IFs, como as atividades de pesquisa e de extensão. Um desses exemplos é o Marco Antonio Collares, que foi meu orientado de TCC, orientado de mestrado pela Margarida de

Carvalho, e depois, no doutorado, foi para outros rumos, a partir da questão da Recepção, trabalhando aí com HQ. O Marco tinha atuado muito no GTHA-RS entre 2005 e 2010, tendo atuação central em mais de uma das Jornadas nesta época. Hoje ele é professor no IFSUL, Campus Jaguarão. Acho que basta falar destes dois exemplos, para ilustrar os destinos destes novos pesquisadores.
Nós temos o pessoal que foi para fora do estado, continuar sua formação em outras instituições.
Hoje temos um número expressivo de jovens**,** nos cursos de graduação e pós-graduação, interessados em História Antiga e produzindo pesquisa na área, com temas e enfoques muito diversos, relevantes. O trabalho que o professor Luis Carlos Martins desenvolve na PUCRS com aplicação e elaboração de jogos para o ensino da História em geral, mas específico sobre História Antiga, vem ganhando destaque. Fascina os estudantes e abre perspectivas inovadoras bastante interessantes. Não posso deixar de mencionar, a genialidade do Vander Gabriel Camargo, que tive o privilégio de coorientar em seu mestrado. Além de ser um doce de pessoa, de uma generosidade incrível, tem uma verdadeira mão de Midas para as digitalidades. Seu trabalho em modelagem 3D tem aberto perspectivas muito interessantes, por exemplo, para o estudo da cerâmica grega antiga.
Por sinal, Vander Gabriel é um dos exemplos destes jovens que sabem ocupar as mídias sociais para gerar conteúdo relevante, propagando informação relevante sobre a cerâmica, de modo didático e atrativo, em uma linguagem que gera interesse em muita gente que está fora da academia.
Vou citar um outro exemplo, o João Braatz, que fez graduação e mestrado aqui conosco, orientação da Carolina Kesser, trabalha com Índia Antiga e com os reinos indo-gregos. Quem é que trabalha com isso? Pouquíssima gente. Ele faz um trabalho muito legal. E ele começou a fazer algumas publicações no Instagram muito legais. Estou aguardando quando que ele vai fazer mais. Ele tá agora com dificuldade de tempo. São publicações sobre a Índia Antiga, que não é muito comum de se achar, sobre os reinos indo-gregos, sobre o uso das moedas para o estudo destas sociedades, e isso ele vem fazendo com muita criatividade e muita competência, usando das redes sociais e dos recursos digitais. Isso é um exemplo, eu citei o trabalho do João e do Vander, exemplificam isso, dentro dessa pergunta: o que está renovando, o que estou vendo de novo.
Nosso laboratório na UFPel, o Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga, o LECA, tem sido um espaço profícuo de formação, com muitas pesquisas produzidas. João, que mencionei acima, é um dos exemplos. Já o outro João, o João Pedro Vitoriano Fabri, é bolsista de Iniciação Científica CNPQ de projeto que coordeno, sobre iconografia da música na cerâmica italiota. Pesquisa as representações do *aulos* na pintura de vasos. Recentemente apresentou uma comunicação sobre sua pesquisa no Congresso Brasileiro de Iconografia

Musical, promovido pela UERJ – portanto, para público especialista. Na ocasião, foi contemplado com uma premiação, o que para mim também significa o reconhecimento da qualidade da pesquisa desenvolvida no LECA.
O LECA frutificou, e viu nascer o LECA-Unipampa, que se mostrou um laboratório de um dinamismo ímpar, que por sinal se consagrou como espaço para jovens pesquisadores de todo o país poderem comunicar suas pesquisas, contribuindo para o avanço da área em termos nacionais.
A UFPel, com a realização da Jornada de História Antiga desde 1992, tem contribuído significativamente para fomentar o interesse pela área no estado e no Brasil. É um evento já consolidado no calendário nacional, que cria oportunidade para estudantes do RS apresentarem suas pesquisas, para debaterem. Como muitas vezes os graduandos e mestrandos não têm oportunidade de comunicarem seus trabalhos para público especializado na área – ademais, carregam frustração com os Congressos de Iniciação Científica, onde encontram pouco interesse por seus estudos – as edições da JHA possibilitam, às novas gerações de estudantes que chegam com interesse no Mundo Antigo, que conheçam uns aos outros, que conheçam seus temas de pesquisa, e, daí, passem a somar força em prol da área.
Vimos isto recentemente no GTHA-RS, em que a nova geração assumiu por completo a coordenação, e trouxe excelentes resultados, com novo gás, novas ideias, novas articulações, novas gentes. Isso nos enche de satisfação, pelo dinamismo da área.
Exposto este cenário e retomando o argumento inicial, nos próximos anos virão as aposentadorias dos docentes atuantes em Antiga nas universidades mencionadas. E um desafio interessante é que as novas gerações formadas de pesquisadores se habilitem para estas futuras vagas.

Milena Ogawa:
Professor o senhor contribuiu para a criação de cursos dentro e fora da UFPel, integrou bancas de inúmeros pesquisadores que trabalham em nossa área no Brasil, lidera grupo de pesquisa CNPq, coordenador de laboratório e é bolsista de produtividade. Quais são seus desafios e projetos para os próximos anos? Há algum sonho ou objetivo acadêmico que ainda deseje realizar?

Fábio Vergara Cerqueira:
Eu não tenho que responder que seja a aposentadoria, né? (risos) Tá no horizonte próximo.
No final de 2025, eu criei o Grupo de Pesquisa do CNPq intitulado *Arqueologia e Iconografia da Música Antiga e sua Recepção*. Então, já fazia tempo que eu estava por criar, mas foi agora que eu senti agora que estava maduro para tal. Eu consegui pensar um grupo unificado com as três vertentes de trabalho que eu

faço com a música antiga, que é a Arqueologia da música, a Iconografia da música e a Recepção da música.
Tem, ao mesmo tempo, o segundo fato. Tudo isso transcorreu entre dezembro de 2024 e janeiro de 2025. O grupo foi criado dia 08 de dezembro, dia do meu aniversário, assim ele vai comemorando aniversário junto comigo. Já completou um ano.
Bem, e o que ocorreu ao mesmo tempo? Eu consegui aprovar a renovação da minha Bolsa Produtividade CNPq, submetida em janeiro de 2025. Passei para o nível de PQ-A. Fiquei muito lisonjeado com os pareceres. PQ-A são cinco anos, eu tenho um quinquênio dentro daquilo que eu propus desenvolver.
Então, o novo projeto se intitula: *Arqueologia e Iconografia da Música Antiga e sua Recepção. Imagens dos instrumentos musicais na Magna Grécia (séc. VI–III AEC): a evidência da cerâmica italiota e outros materiais (coroplástica, numismática, pintura mural, glíptica, joalheria)*.
O Grupo de Pesquisa e o projeto de PQ se articulam tanto como tema de pesquisa quanto como mobilização de uma rede intergeracional, interregional e internacional; jamais seriam grêmio- (risos). Sempre Inter! (piada de colorado).
Eu planejo prosseguir com a pesquisa sobre Arqueologia e Iconografia da música grega e romana antiga, devendo avançar em uma série de desdobramentos, que ainda são frutos dos anos de pesquisa. Eu ainda preciso focar na publicação dos catálogos iconográficos dos instrumentos musicais na pintura dos vasos italiotas. O grosso do material eu já tenho sistematizado. Os catálogos já estão, em potência, prontos: o da cítara retangular ápula, da harpa, do sistros ápulo e do *aulos*. Mas e o tempo para transformar estes catálogos em realidade? Porque tem que ser assim, é preciso um bom tempo – meses sem outras coisas! – para transformar isso em publicação, que não vai ser em português, em princípio, mas depois pode-se fazer a tradução.
É necessário avançar na sistematização dos dados de outros instrumentos, tais como a *lyra*, a cítara helenística, a *salpinx* (trombeta), a trombeta de concha, entre outros. Nos últimos tempos, acabei levantando muito material sobre a trombeta de concha, instrumento que anteriormente não havia me chamado a atenção. A pesquisa é assim: planejamos um caminho, mas, no meio do caminho, surgem surpresas, que nos seduzem para levantar novas questões. Muitas vezes a gente não fecha um caminho e quando vê a gente pega outro. Mas é assim, a gente nunca vai fechar.
Cada vez mais, tenho me interessado pelos estudos da recepção da Grécia antiga no Brasil. Isso tem um quê de divertido, não que o resto não tenha. Estes estudos receberam um grande impulso nos últimos anos com o apoio do projeto ANTIMO – *Antigüedad Modernizada*, que é a questão da recepção da Antiguidade no mundo ibero-americano[4]. É uma rede liderada pela

[4] Disponível em: https://humanidadesdigitales.uc3m.es/s/antimo/page/inicio1. Acesso em: 14/12/2025.

Universidade Carlos III de Madrid, a partir da qual se estruturou uma rede de pesquisadores de vários países ibero-americanos: México, Colômbia, Chile, Brasil, Argentina... É muito legal: a gente faz os eventos, as publicações, e isso deu um gás novo para essa pesquisa de recepção. Deixou de ser um divertimento para se tornar algo dentro de um grupo, uma rede científica que analisa isso dentro de sua dimensão continental.

Nos últimos anos, conduzi duas linhas de pesquisa, que acabaram se encontrando: as Atenas brasileiras e a presença da música grega no Brasil por meio da iconografia dos instrumentos musicais. Vou também para as fontes escritas, mas é a iconografia que me coloca as questões. Tenho trabalhado em parceria com a Renata Garraffoni na pesquisa sobre as Atenas brasileiras (São Luís, São Carlos, Pelotas, Juiz de Fora, etc.) Ao todos, a pesquisa revelou até o momento 43 Atenas no Brasil!). Não vou falar mais desse assunto as publicações estão saindo. Vamos divulgar nas redes.

Assim, levo a pesquisa ampliada, em que procuro evidenciar a presença da *lyra* e da cítara em monumentos e documentos variados, das fachadas de prédios e esculturas às moedas e cédulas do século XIX e XX. O projeto mais específico foca na presença dos instrumentos musicais gregos e romanos antigos nos cemitérios brasileiros, por meio de sua representação junto ao túmulo. Levantei já uma quantidade expressiva de ocorrências, em vários cemitérios brasileiros, mas também em países estrangeiros da América do Sul e da Europa (notadamente, na Itália). Produzi algumas publicações sobre o tema.

Recentemente, o estudo da presença da lira grega no Brasil e o estudo das Atenas brasileiras se encontraram, pois percebi uma confluência, visto que em muitas das Atenas brasileiras a lira está muito presente como símbolo que conecta imaginariamente com a Antiguidade.

Agora, minha libido de pesquisa, no campo da recepção, está direcionada ao Carnaval, a lira no Carnaval. "O abre alas que eu quero passar. Eu sou da Lira, não posso negar", gente, Chiquinha Gonzaga, 1990, talvez vocês não saibam: essa marcha de carnaval é a primeira. O gênero de marcha, de gênero de carnaval brasileiro que não importado da Europa, que não é lundu, que não é a modinha, nasce no ano de 1990, com a Chiquinha Gonzaga e nasce com a Lira.

Tem uma significação da Lira, ligada ao carnaval, que é muito forte e é muito brasileira. Percebo que tem muita coisa por aí, que começa com a Chiquinha Gonzaga e vai até… e a imagem começou a ficar na minha frente, porque, olhando ali [gesto com as mãos como se estivesse rolando o feed das redes], no Instagram, o que aparece? Vai até Niterói, Acadêmicos de Niterói, o samba-enredo que a gente vê homenageando uma pessoa que a gente sabe quem é! E nos vídeos e fotos estão as pessoas com a camiseta, com a bandeira, e o que a gente vê ali? A lira. O emblema da Escola de Samba Acadêmicos de Niterói é a lira (Figura 1). E se trata de uma escola de fundação recente, em 2017-2018, na plena Contemporaneidade. Aí eu comecei a notar que tem muita lira no

carnaval. Ai!, eu não vou dar spoiler… já dei spoiler demais aqui! Cenas dos próximos capítulos. Então, eu estou muito empolgado com essa nova pesquisa.



Figura 1: Bandeira da Acadêmicos de Niterói
Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Acad%C3%AAmicos_de_Niter%C3%B3i#/media/Ficheiro%3AAcademicos_de_Niteroi_bandeira.jpg Acesso em 14/12/2025 ©wikicommns

Milena Ogawa:
Professor, é uma trajetória de vida acadêmica, vida profissional e, eu posso dizer, pessoal, muito instigante de se ouvir. Então, eu agradeço novamente pela sua disponibilidade em conceder esta entrevista, e aproveito para convidar todo o público a desfrutar deste dossiê que organizamos. Muito obrigada por ter construído esse espaço, pois, se hoje nós podemos coordenar, é porque vocês deram os primeiros passos. Muito obrigada.

Fábio Vergara Cerqueira:
Eu agradeço o convite, agradeço a ti a conversa, agradeço ao Glaydson o espaço, e o parabenizo pela condução desta maravilhosa revista que é a *Heródoto*. Muito obrigado!

Anexo 1
Autores e títulos do livro *Religião e Poder do Mundo Antigo ao Moderno: Ensaios Acadêmicos* (Pelotas: Editora da UFPel, 2008)

SEÇÃO 1 – Trajetórias do monoteísmo no Oriente Próximo (séc. XIV AEC – III EC).

Sérgio Fracalanza Muzy – *A criação das bases do monoteísmo pelo faraó Akhenaton (1353-1336 AEC) e suas implicações sociais no Egito Antigo.*
Giovani Rodrigues de Moura – *Messianismos judaicos: uma leitura a partir do Livro de Daniel.*
Caterine Henrique Mendes – *A multiplicidade de judaísmos e a formação do paleocristianismo.*
Luis Artur Janes Silva – *A gnose, origens e pontos de divergência com a ortodoxia cristã nos primeiros séculos da Era Comum.*

SEÇÃO 2 – Religião e poder no mundo greco-romano (séc. VI AEC – IV EC)

Kátia Amorim Macedo – *Os gregos e a morte: instituições funerárias e práticas sociais na pólis ateniense.*
Marco Antonio Correa Collares – *A política sob César Augusto: continuidade e rupturas.*
Edalaura Berny Medeiros – *Constantino e os cristãos: a ascensão do Cristianismo como religião oficial do Império romano e o desenvolvimento da intolerância.*

SEÇÃO 3 – Religião e poder no Extremo Oriente (séc. VI AEC – XVII EC)

Daniel da Silva Añaña – *A religião chinesa vista através do romance Jornada no Ocidente.*
Rodrigo de Oliveira Cardozo – *O fim do "Século Cristão": a repressão religiosa no Japão do século XVII segundo o padre Antonio Francisco Cardim.*

Anexo 2
Lista de TCCs, Dissertações e Teses sobre História Antiga produzidas na UFPel

Mestrado em História UFPel

Orientação Fábio Vergara Cerqueira

1. Vitor Naoki Miki Gomes. *O Priapo pático e as identidades eróticas desviantes em Roma: limites das subjetividades masculinas (séc. I a.C. ? II d.C.)*. 2023.
2. Luis Giovani Adamoli Castro. *Pírrica: a dança em armas em Ateneu de Náucratis (séc. II-III d.C.)*. 2020
3. Lidiane Carolina Carderaro dos Santos. *Variações da imagem de Apolo citaredo na cerâmica de influência grega produzida na Campânia entre os séculos V e III a.C.*. 2016.
4. Marcello de Albuquerque Maranhão. *A historiografia grega antiga sobre as relações entre gregos e não gregos na Sicília oriental, do século VIII às invasões atenienses: entre etnia, fronteira cultural e espaço geográfico.* 2015.
5. Edalaura Berny Medeiros. *Ser cristão no século IV: identidade cultural na História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia.* 2012.

Orientação Carolina Kesser Barcellos Dias

6. Ana Beatriz de Santana Bandeira Santos. *A formação das jovens aristocratas em Lesbos: Um estudo sobre a educação feminina no Período Arcaico por meio da análise dos fragmentos de Safo.* 2023
7. João Gomes Braatz. *Contatos culturais por meio das imagens monetárias nos limites da expansão helênica na Báctria e na Índia (séculos III-I AEC).* 2021.
8. Ricardo Barbosa da Silva. *Culto à guerra: uma abordagem historiográfica do militarismo na Esparta Clássica.* 2017
9. Milena Rosa Araujo Ogawa. *Tácito e a retórica da decadência. Um estudo sobre memória, identidade e educação à época de Domiciano.* 2017.
10. Matheus Barros da Silva. *Entre a natureza e a educação: uma leitura de Filoctetes de Sófocles.* 2016.

Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural UFPel

Orientação Fábio Vergara Cerqueira

11. Diego Rabelo Nonato. *Destruição e proteção da cidade de Palmira: patrimônio histórico em meio ao conflito sírio (2015-2017).* 2021.
12. Isabel Halfen da Costa Torino. *Mercúrio na torre do Mercado: percurso e significado de um símbolo grego na memória e no patrimônio cultural de Pelotas, RS.* 2015.
13. Caterine Henriques Mendes. *Estudo dos Evangelho Sinópticos: memória e identidade das primeiras comunidades cristãs.* 2011.

Orientação Fábio Vergara Cerqueira (em andamento)

14. Caroline Melo Armesto. *A recepção da música antiga no patrimônio cultural de Pelotas: liras e cítaras nos monumentos escultóricos e fachadas arquitetônicas.* Ingresso 2024.

Doutorado em História UFPel

Orientação Carolina Kesser Barcellos Dias

15. Milena Rosa Araújo Ogawa. *Domícia Longina: gênero, agência e poder na Roma imperial no século I d. C.* 2023

Orientação Fábio Vergara Cerqueira (em andamento)

16. Darcylene Pereira Domingues. *Discurso e ação feminina em* As Traquínias *e* Medeia*: os limites e enfrentamentos das mulheres em relação a cultura androcêntrica*. Ingresso em 2022.

Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural

Orientação Fábio Vergara Cerqueira (em andamento)

17. Diego Rabelo Nonato. *Guerra da Síria: a destruição dos sítios arqueológicos como elemento de guerra.* Ingresso em 2023.

TCC em Arqueologia UFPel (Bacharelado)

Orientação Fábio Vergara Cerqueira

18. Dayanne Dockhorn Seger. *Olhares antigos e modernos: a ideologia e a representação feminina em contextos de trabalho na Atenas clássica.* 2015.

TCC em História UFPel (Licenciatura e Bacharelado presencial, Licenciatura a Distância)

Orientações Fábio Vergara Cerqueira

19. Tauany Weidauer. *Hatshepsut e Cleópatra VII: Mulher e poder no Antigo Egito.* 2025.

20. Anelyse Goulart dos Santos. *Indumentária egípcia: o uso de perucas no Antigo Egito.* 2024.

21. João Pedro Vitoriano Fabri. *Representações iconográficas dos instrumentos musicais na Magna Grécia: o aulos na pintura de vasos ápulos do século V e IV a.C.*. 2024.

22. Diogo Antonio Bach de Mattos. *Hecateu de Mileto e sua influência na cultura literária grega.* 2023.

23. Caroline Melo Armesto. *As representações do imperador Nero como Apolo citaredo na iconografia numismática entre os anos de 62 e 68 d.C.* 2022.

24. Diego Souza da Rosa. *O saque gaulês a Delfos: memória e identidade helênica na Periegese Hellados de Pausânias.* 2021.

25. Eduardo Christmann. *Representações do sistro ápulo na iconografia dos vasos ápulos (séc. IV a.C.).* 2018.

26. Ricardo Pereira Antunes. *Reflexões em torno do Egito de Heródoto: fronteiras entre Mito e História.* 2018.

27. Hemã Ayala. *Galba: o primeiro imperador da Guerra Civil, na perspectiva de Suetônio*. 2017.

28. Andreia Lopes. *A iconografia da harpa na cerâmica ápula (séc. V - IV a.C.): catálogo e interpretação.* 2016.

29. Luise de Oliveira Rodrigues. *Hibridação entre deuses no Egito Helenístico: Uma apreciação sobre as manifestações e o culto a Serápis*. 2016 (Bacharelado)

30. Luise de Oliveira Rodrigues. *O hibridismo nos deuses greco-egípcios: Uma análise do Egito helenístico através das representações de Hermanubis*. 2014 (Licenciatura).

31. Ricardo Barbosa da Silva. *A Guerra na Política Grega Formas de combate e constituições políticas na Grécia antiga - o caso de Esparta (séc. V e IV a.C.).* 2014.

32. Katia Amorim Macedo. *Os gregos e a morte: representações culturais e práticas sociais.* 2008.

33. Marco Antonio Corrêa Collares. *A política sob César Augusto: continuidades e rupturas do modelo e dos mecanismos de dominação.* 2007.

34. Sérgio Ricardo Fracalanza Muzy. *A criação das bases do monoteísmo pelo faraó Akhenaton (1353-1336 a.C.) e as suas implicações sociais no Novo Império do Antigo Egito.* 2007.

35. Caterine Henriques Mendes. *A multiplicidade de Judaísmos e a Formação do Paleocristianismo.* 2007.

36. Welcsoner Silva da Cunha. *Egiptomania no Sul do Estado do Rio Grande do Sul*. 2005.

37. Rita Clara Benites Furtado. *A utilização das fontes entre os historiadores gregos do século V: Heródoto e Tucídides*. 1995

38. Carla Rodrigues Gastaud. *A permanência de arcaísmos na obra de Tucídides.* 1994.

Orientações Carolina Kesser Barcellos Dias

39. Jéssica Renata Santos Silva. *A representação do Antigo Egito nos livros didáticos*. 2019

40. Edward Dutra dos Anjos. *Quem toca a flauta do Pã? Percurso iconográfico da* syrinx *nos vasos gregos e de tradição grega entre os séculos VI e IV a. C.*. 2019.

41. Milena Rosa Araujo Ogawa. *Um estudo sobre a cerâmica etrusca de bucchero do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.* 2018

42. João Gomes Braatz. *"Não se conhece nada mais dhármico para um xátria do que a luta": A guerra por meio do* Bhagavad Gita. 2018

Orientação Monica Selvatici

43. Tatiane Fagundes Pereira da Silva. *Em busca do Jesus histórico: uma análise do evangelho de Tomé no contexto da produção dos evangelhos na segunda metade do século I d.C.* 2009.

44. Luís Artur Janes Silva. *Influências da Apocalíptica judaica exercidas sobre os escritos gnósticos cristãos que fizeram uma releitura dos primeiros capítulos do Gênesis.* 2008.

45. Edalaura Berny Medeiros. *Constantino e os Cristãos: uma análise da ascensão do Cristianismo como religião oficial do Império Romano e do desenvolvimento da intolerância para com as demais religiões.* 2008.

46. Giovani Rodrigues de Moura. *Expectativas messiânicas no Judaísmo antigo: uma proposta de leitura*. 2008.

47. Luciano Lemos Gonzales. *BURZUM: estudo iconográfico de um caso de apropriação de elementos da mitologia viking no black metal norueguês.* 2007.

Orientações Fábio Vergara Cerqueira (em andamento)

48. Henrique Freitas Krusser. As Guerras de Alexandre III: uma análise do filme Alexandre de Oliver Stone (2004), desde uma perspectiva militar. (2025-2026)

49. Caroline Melo Armesto. A recepção da imagem de Nero músico: da Antiguidade ao Cinema (2026)

50. João Pedro Vitoriano Fabri. A representação do *aulos* nos vasos ápulos no estilo 'di Gnathia' (séc. IV – III a.C.) (2027).